

FORMAS DE FELICITAÇÃO E CONGRATULAÇÃO: ELEMENTOS PARA O SEU ESTUDO

ISABEL ROBOREDO SEARA
(Universidade Aberta)

“C’est un rituel, mais sans dieu;
un cérémonial, mais sans culte;
une étiquette mais sans monarque”

André Comte-Sponville
“La petite vertu” in *La Politesse*

1. Tentativa de definição

Nada impressiona mais a mente dos linguistas do que a inevitabilidade e a omnipresença dos comportamentos comunicativos, principalmente neste desfecho de século em que assistimos a uma revolucionária explosão dos contactos entre povos e culturas.

Parece-nos, pois, uma tarefa árdua, ousada e problemática a que resolvemos encetar.

Se por um lado este tipo de formas não está ainda descrito na nossa língua - — não podemos deixar de elogiar os trabalhos da Professora Doutora Maria Helena Carreira¹ e esta incidência justifica-se pela clareza e fascínio de uma abordagem rigorosa das formas de tratamento, que após os trabalhos do professor Lindley Cintra² quase tinham mergulhado no esquecimento — apesar da vasta bibliografia e acesa polémica nas línguas francesa e inglesa, por outro, torna-se também uma aventura, na medida em que será necessário cotejar domínios tão díspares como os que vão da Etnografia à Sociologia, da Pragmática à Sociolinguística.

Quando espontaneamente categorizamos um determinado enunciado como uma saudação, um convite, uma acusação ou uma crítica, mobilizamos de uma forma implícita um conjunto de critérios de selecção, critérios esses que se baseiam em atributos mais ou menos precisos e mais ou menos interdependentes.

A cada acto de fala é, pois, possível associar um protótipo, após a análise atenta dos seus atributos. Invocamos, a este propósito, as ideias de Lakoff (1986) em que se afirma clara a distinção entre as propriedades do protótipo e as dos actos típicos, próximos do estereótipo. A procura de protótipos semânticos em estreita ligação com os actos de fala deve basear-se numa classificação. Searle & Vanderveken (1985:87) consideram que, em analogia com a classificação das espécies biológicas naturais, "illocutionary forces are, so to speak, natural kinds of uses of language"³.

O domínio conceptual dos actos de fala organiza-se em função de protótipos que se destacam ao nível perceptual e que funcionam como pontos de referência cognitivos no processo de interpretação dos enunciados em contexto (cf. Rosch 1975).

As formas de felicitação e congratulação incluem-se, segundo Austin (1970:16), nos actos comportativos, actos que dizem respeito ao comportamento social e que implicam uma reacção relativamente ao comportamento do outro. Por seu turno, Searle considera-as como actos ilocutórios expressivos, actos que se destinam a exprimir um determinado estado psicológico, relativamente ao conteúdo proposicional do resto do enunciado. Realce-se que qualquer que seja a sua classificação, estas formas exprimem sempre uma atitude favorável ou um estado psicológico positivo do locutor em relação algo ou alguém.

Detenhamo-nos, então, nos critérios que presidem à distinção dos dois tipos de formas.

Afigura-se-nos todavia importante ressaltar que, por ultrapassar o âmbito do nosso estudo, não teremos em linha de conta traços que consideramos determinantes para uma completa descrição destas formas — referimo-nos aos traços prosódicos, de acento, de entoação, de ritmo e também aos elementos paraverbais de tipo quinésico e proxémico, como o olhar, o riso, a postura. Permanecerão fora do alcance desta exposição as formas não autênticas (cujo estudo, aliás, se nos afigura deveras interessante), ou seja o emprego irónico, hiperbólico ou antifrásico destas formas, o seu uso como tropos comunicacionais. (Ex: "És realmente excelente cozinheira!", quando queremos afirmar o contrário). Como afirma Maria Helena A. Carreira (1997:165) "un changement d'intonation est suffisant à transformer un énoncé qui exprime de par son contenu lexical et son organisation morfo-syntaxique, un "souhait", un "conseil ou une "suggestion" en une surface discursive qui doit être interprétée comme une "menace".

As formas de felicitação poder-se-ão incluir, segundo a classificação de Bivar⁴, no grande domínio da expressão e comunicação de ideias e sentimentos.

São rituais de sociabilidade que demonstram da parte do locutor sentimentos de amabilidade, afabilidade, gentileza, cortesia, regozijo e louvor. Implicam geralmente uma outra face, a face do outro, de um interlocutor numa determinada interacção verbal.

Segundo Marandin (1987:67-99) um primeiro critério de classificação consiste na qualificação da atitude favorável do locutor. Felicitar implica "faire plaisir". Marandin propõe igualmente uma outra dimensão prototípica que se focaliza no locutor ou no interlocutor.

O sistema português acusa determinadas particularidades. Desde logo, nas definições que encontramos nos dicionários constatamos essas divergências subtis. *Felicitar*⁵ é tornar feliz, congratular-se com, dirigir parabéns ou cumprimentos a ... e acrescenta-se a nota seguinte: "Nesta última acepção (dar cumprimentos a ...) é galicismo, apesar de geralmente admitido". No que diz respeito a *congratular* surgem os seguintes equivalentes: regozijar-se com o bem ou a satisfação de outrém, dirigir felicitações, parabéns.

Felicitar apresenta como estrutura interna um SN complemento que é um pronome com função de OI, com a flexão casual de dativo, apresentando-se geralmente como clítico (cf. Mira Mateus 1989).

Ex: Felicito-te pela tua nova casa!

No caso de *congratular* o pronome toma uma forma correspondente à flexão casual de acusativo. Exemplo: "Congratulo-me com o teu sucesso!" Nesta forma tradicionalmente designada por voz reflexiva (Lindley Cintra 1987: 405), o verbo vem acompanhado de um pronome oblíquo que lhe serve de objecto e que representa a mesma pessoa que o sujeito.

Consideramos que estes dois tipos de formas podem ocorrer em diferentes tipos de enunciados, apesar das fronteiras serem bastante ténues: em enunciados que exprimem uma avaliação positiva, em enunciados que englobam as formas convencionais exclamativas e/ou interjeições e, ainda, em enunciados que encerram a expressão de sentimentos.

Esta classificação é algo controversa e parece-nos imperioso encontrar outras razões que permitam diferenciar estes dois tipos de formas, já que ambas supõem a existência de uma situação (um acontecimento, um objecto) à qual se referem e concomitantemente a atribuição da responsabilidade ao interlocutor.

No caso das formas de felicitação, referimos primeiramente a pessoa e posteriormente o objecto da felicitação, partindo no entanto da certeza de que é mútuo e indubitável o seu conhecimento. Afirma De Fornel (1990: 170): "La responsabilité D1 est au premier-plan et l'état de choses bon D2 est au second plan".

Forma de felicitação

A exprime uma atitude favorável relativamente a B porque:

- D1 - B é responsável pelo acontecimento X
- D2 - O acontecimento X é bom e deve realçar-se

Forma de congratulação

A regozija-se com as consequências das atitudes de B, porque:

- D1 - B é responsável pelo acontecimento X
- D2 - O acontecimento X é bom e deve realçar-se
- D3 - Há um acréscimo de satisfação por parte de A

Há realmente uma acesa e contínua discussão para estabelecer os limites da distinção e torna-se interessante perceber as noções em língua francesa de "compliment" e "félicitation" que, de tão próximas, originam considerações tão díspares. Enquanto De Fornel insiste no grau hierárquico ("le degré de saillance") para estabelecer essa distinção, Vanderveken, inversamente, aponta como traço diferenciador a condição prévia de existir responsabilidade por parte do outro.

Apropriar-nos-emos da definição utilizada por Holmes (1988: 446): "A compliment is a speech act which explicitly or implicitly attributes credit to someone other than the speaker, usually the person addressed, for some good (possession, characteristic, skill, etc.) which is positively valued by speaker and the hearer" e entenderemos estas formas de felicitação, seguindo de perto o sistema da delicadeza proposto por Kerbrat-Orecchioni (1994) como anti-FTA, pertencendo às formas de delicadeza positiva para com a face positiva. Esta delicadeza positiva realiza-se através de uma acto intrinsecamente atencioso, realçando a face do alocutário.

2. Condições de Produção

Sempre que surge uma possibilidade de uma interacção verbal entra em cena um sistema de práticas, de convenções, de regras de conduta, de rotinas.

"C'est parce qu'il (l'interactant socialisé) se réfère automatiquement à la face qu'il sait comment se conduire vis-à-vis d'une conversation. C'est en demandant sans cesse et à tout coup: "Est-ce que, en faisant ou en ne faisant pas cela, je risque de perdre la face ou de la faire perdre aux autres?" qu'il décide à chaque moment, consciemment ou non, de sa conduite". (Goffmann:1974: 34).

As rotinas - que segundo a definição de Radcliffe-Brown, posteriormente reestruturada por Goffmann - são relações simples e seculares impostas socialmente que conduzem a atitudes de respeito relativamente a pessoas ou objectos com particular e destacado valor - condicionam as formas que são objecto do nosso estudo.

Estas podem ocorrer:

1. Numa relação horizontal - estas interacções são propícias a uma familiaridade simétrica.

2. Numa relação vertical, logo assimétrica, em que se patenteiam as relações hierárquicas, as formas de felicitação tendem a ocorrer sobretudo "downward".

É natural que na nossa sociedade ocidental em que as regras que nos obrigam a guardar a distância são poderosas, as formas de felicitação empregues assimetricamente tenham, por vezes, um objectivo de encorajar (lembrem-se a este propósito as rotinas nas escola - o elogio de um trabalho escolar para estimular o aluno - ou no emprego - o louvor do patrão perante um esforço do seu empregado).

3. O tema

As formas de felicitação e congratulação podem incidir sobre determinados aspectos, dependendo evidentemente da relação das pessoas nessa determinada interacção.

Um estudo de Holmes (1986: 498) mostra-nos que, numa relação assimétrica, as formas de felicitação relativas às competências do interlocutor são duas vezes mais ocorrentes do que as que visam a sua aparência física, invertendo-se estes dados numa relação simétrica.

As formas de felicitação visam a aparência física, as qualidades pessoais, o sucesso profissional, social, familiar e afectivo.

Exemplos:

"Tens uma camisa lindíssima!" - Avaliação positiva; tema: camisola.

"Felicito-te pelo sucesso no teu exame!" - Avaliação positiva; tema: momento de sucesso.

4. Momentos de produção

As formas de felicitação encontram-se geralmente em sequências de abertura, já que é no início dos encontros que nos apercebemos e que descobrimos as mudanças de aspecto, de estatuto, de reputação) e exprimimo-las manifestando, assim, sinais de simpatia, de interesse, de comunhão com o outro, de modo a instaurar uma relação harmoniosa. Como afirma Kerbrat-Orecchioni (1994: 228) "comme les cadeaux, les compliments sont des procédés de *captatio benevolentiae* et, comme eux, ils doivent être offerts d'entrée". Aparecem, pois, como premissa dos diálogos. (Entendendo-se aqui premissa no seu sentido etimológico que designa princípio e também os primeiros frutos da terra, os primeiros animais nascidos no rebanho e que eram oferecidos às divindades).

5. Categorização

Seguindo a proposta de Kerbrat-Orecchioni (1994: 199-230), consideraremos uma primeira dicotomia:

Formas Directas, que visam o Aloc ou algo que lhe está intrinsecamente ligado

Exemplos: “Estás muito gira!” ; “Fica-te bem esse penteado novo!”

Formas Indirectas, que visam outra pessoa que não o Aloc, extrínseco a este, mas a ele ligado e que o afectam como que por ricochete (1994: 205)

Exemplo: “A tua filhota é uma ternura!”

As formas de felicitação são actos ilocutórios expressivos e são enunciadas quer por verbos ilocutórios expressivos quer por expressões exclamativas com adjectivos valorativos e advérbios:

“Que carro espectacular!”

“Elegantíssima, como sempre!”

Podemos de igual modo considerar que estas formas podem ser formuladas quer **explícita** quer **implicitamente**, baseando-se esta distinção no facto de a apreciação positiva ser directa ou focalizada ou, pelo contrário, ser subjacente ou pressuposta.

Exemplos:

“O teu fato é espectacular!”

“Onde é que compraste um fato tão giro?!”

Se procurarmos estabelecer outra dicotomia na categorização destas formas, facilmente nos apercebemos que há uma tendência para o emprego de formas de rotina (preferimos esta designação à de “estereotipadas” usada por Kerbrat-Orecchioni) em detrimento das que designaremos como criativas.

Não estando ainda na posse de dados de análise de um *corpus* significativo no tocante à língua portuguesa, citaremos, a título de exemplo, os trabalhos de Manes & Wolfson (1981), corroborados por Traverso (1993). Assim, as estruturas sintácticas organizam-se do seguinte modo:

a) NP is or looks (really) ADJ

b) I really like or love NP

c) PRO is (really) ADJ NP

Quando a análise incide sobre itens lexicais, os autores concluem também que a maior parte dos enunciados possui uma base adjectival (“nice, good, beautiful, pretty, great”) e, quando se constroem com base verbal, assumem destacadamente uma frequência superior “like, love, enjoy”.

No reduzido *corpus* por nós estudado, recolhido a partir de conversas espontâneas do nosso quotidiano familiar ou profissional, pudemos igualmente constatar que as estruturas assinaladas são dominantes:

Estar + ADJ + Especificação
 Ficar + ADV
 Ter + NP + ADJ
 PRO + Ser + ADJ

Para J.-M. Marandin (1987: 65-69) que se afasta deliberadamente das perspectivas da semântica lexical que explicavam o problema da definição (cf. Pomerantz 1978), as formas de felicitação mobilizam um sistema de representações da região do mundo que consideramos. Partilhamos desta concepção na medida em que facilmente constatamos que os nossos sistemas conceptuais são sistemas metafóricos (na acepção de Lakoff: 1985) e que determinado enunciado, apesar de cumprir os traços sémicos enunciados para felicitação pode, em contextos diferentes, ser categorizado como cumprimento/saudação/agradecimento. Esta reconstrução de um sistema de representações efectua-se através dos estereótipos, do saber partilhado que varia de pessoa para pessoa e mesmo em diferentes momentos de cada vivência individual. Para ilustrar esta situação recorreremos ao exemplo sugestivo de Marandin (1987:79) em que uma forma entendida como forma de felicitação do tipo "Estás mais magra!" pode ser, na nossa sociedade ocidental actual em que beleza e magreza andam a par, uma forma de delicadeza positiva e, noutro contexto distinto, ser negativa.

6. Formas de felicitação - "Un cadeau verbal"

Vimos anteriormente que existem diferentes tipos de formas de felicitação e que estas formas são formas de delicadeza positiva para com a face positiva. A base desta designação advém do modelo de Brown & Levinson (1987) que se alicerça na noção de "Face Threatening Acts" (FTA), sendo esta inspirado na distinção entre ritos positivos e negativos de Durkheim. Como anti-FTA estas formas apresentam dois valores ilocutórios: a intenção de alegrar ("faire plaisir") e a transmissão de uma opinião sincera.

Daí a caracterização bem sucedida deste tipo de formas como presente verbal (Kerbrat-Orecchioni: 1994: 227-8). A autora considera que há propriedades semelhantes: tal como os presentes, têm um carácter não solicitado e são esperadas em determinadas circunstâncias; podem, igualmente, suscitar um agradecimento. Quem produz a forma de felicitação lesa a sua face negativa (FTA), mas valoriza a sua face positiva (anti-FTA), mostrando assim a sua generosidade. Por seu turno, o destinatário constitui um anti-FTA no que respeita

à sua face negativa (um presente é uma transferência de um bem, uma défice para um e um acréscimo para o outro) e simultaneamente um FTA na medida em que fica com um dívida para com o emissor. A força ilocutória deste tipo de formas está presente, quer na necessidade de fazer crer ao interlocutor que o conteúdo é verdadeiro, quer na importância de provocar alegria e satisfação.

7. Condições de Sucesso

Uma interacção verbal funda-se num conjunto de regras sociais que se efectuam segundo esquemas articulados com o fim de lograr determinada finalidade comunicacional. Para que estas formas sejam bem sucedidas deverão obedecer a quatro princípios:

1. O princípio do acordo - a valorização da face positiva do outro;
2. O princípio da protecção do seu próprio espaço territorial. À forma de felicitação subjaz uma apreciação, um juízo, um acto de ingerência no território do outro. Estas formas colocam o emissor numa posição de avaliação. E o estatuto anti-FTA favorece a aceitação da felicitação desde que se cumpra um terceiro princípio:
3. Princípio da modéstia - que determina que a atitude do interlocutor seja uma atitude de "praise downgrade" que o leva à aceitação "*a minima*" ou mesmo à recusa "*a minima*" (De Fornel 1990: 173)
4. Por fim, a máxima de qualidade de Grice (1979: 57-72), a lei da sinceridade. "Dans la mesure ou l'exercice de la parole prend appui sur des représentations supposées partagées, il est nécessaire que l'interlocuteur soit intériorisé: parler, c'est anticiper le calcul interprétatif de l'interlocuteur". (Flahault 1979: 73).

Todavia, este último princípio coloca-nos, muitas vezes, perante a angústia do discernimento. Se em determinada situação se nos coloca a hesitação entre a escolha da sinceridade ou da delicadeza, preferimos esta última.

8. Conclusão

A reflexão sobre esta temática leva-nos a concluir que as formas de felicitação constituem e reforçam os laços de solidariedade existentes entre os interlocutores porque apelam à expressão, à comunhão de gostos, interesses e valores.

Mais do que a transmissão explícita de juízos discursivamente formulados, é a definição de posturas, de uma "*hexis*".

Estas formas de felicitação e congratulação são como verdadeiras formas de delicadeza indispensáveis à comunicação humana, ao perfeito desenrolar das relações e ao funcionamento harmonioso da sociedade. Por isso, constroem-se com base na ordem moral (o domínio do bem, da correcção, da humanização) e na ordem estética (harmonizando as relações, instaurando a procura do belo, do agradável, do amável).

Assim afirmava António Nobre:
Vaes ver (se os tens teus Amigos,
Que levas para lhes dar?
Quando a figueira tem figos,
Tudo n'ella é de gabar".

Notas

- 1 Referimos os seguintes trabalhos: Araújo Carreira, Maria Helena (1994), "Modalidades discursivas e formas de tratamento: uma abordagem da orientação atenuada do discurso do interlocutor". *Santa Barbara Portuguese Studies*, 1, 271-290, (1995) "Pedido de desculpa e delicadeza: para o estudo dos seus processos linguísticos em português". *Actas do X Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Évora. Lisboa: Associação Portuguesa de Linguística; (1997) *Modalisation Linguistique en Situation d'Interlocution: Proxémique verbale et modalités en portugais*. Louvain/Paris: Éditions Peeters
- 2 Lindley Cintra, Luís Filipe (1972), *Sobre "formas de tratamento" na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- 3 A semântica dos protótipos baseia-se na dimensão hierárquica interna às categorias e apresenta a noção de "ressemblance de famille", criada por Wittgenstein 1953 para justificar essa inclusão. Cf. Kleiber, G. (1990), *La Sémantique du prototype. Catégorie et sens lexical*. Paris: Presses Universitaires de France.
- 4 A consulta do *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa* (1951). Porto: Edições de Ouro é imprescindível para a nossa categorização
- 5 Figueiredo, Cândido (1939), *Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1º. Volume

Bibliografia

- ARAÚJO CARREIRA, Maria Helena (1995), "A Delicadeza em português: para o estudo das suas manifestações linguísticas" in *Sociolinguística*, da autoria de RICARDO MARQUES, Maria Emília (1995) Lisboa: Universidade Aberta
- (1997), *Modalisation Linguistique en Situation d'Interlocution*. Louvain-Paris: Éditions Peeters
- AUSTIN, J. (1970), *Quand dire c'est faire*. Paris: Éditions du Seuil
- BIVAR, Artur (1952), *Dicionário Geral e Analógico da Língua Portuguesa*. Porto: Edições de Ouro

- BROWN, P.& LEVINSON, S.C. (1987), *Politeness. Some universals in language use*. Cambridge: Cambridge University Press
- DE FORNEL (1990), "Sémantique du prototype et analyse de conversation", *Cahiers de Linguistique Française* 11. Genève: Université de Genève
- FIGUEIREDO, Cândido de (1939), *Dicionário da Língua Portuguesa*, 1º. Volume. Lisboa: Livraria Bertrand
- FLAHAULT, F. (1979), "Remarques à partir des maximes de Grice", *Communications* 30, Paris: Éditions du Seuil
- GOFFMAN, Erving (1974), *Les Rites d'Interaction*. Paris: Éditions de Minuit
- GRICE, H. P. (1975), *Logic and conversation*. In P.Cole (ed.), *Syntax and Semantics* (Vol.3). New York: Academic Press. Tradução francesa: "Logique et Conversation", *Communications* 30 (1979). Paris: Éditions du Seuil
- HOLMES, J. (1986), "Compliments and compliment responses in New Zealand English" *Anthropological Linguistics* 28-4
- (1990), "Paying compliments. A Sex-preferential positive politeness strategy", *Journal of Pragmatics* 12-4
- KLEIBER, G. (1990), *La Sémantique du prototype. Catégorie et sens lexical*. Paris: Presses Universitaires de France
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1980), *De la subjectivité dans le langage*". Paris: Armand Colin
- (1992) *Les Interactions Verbales*, Tome II. Paris: Armand Colin
- (1994), *Les Interactions Verbales*, Tome III. Paris: Armand Colin
- LAKOFF, G. & Mark JOHNSON (1985), *Les Métaphores de la vie quotidienne*. Paris: Éditions de Minuit
- LAKOFF, G. (1986), *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories reveals about the Mind*. Chicago: Chicago University Press
- LAKOFF, R. (1972), "Language in Context". *Language* 48
- LINDLEY CINTRA, L.F. e Celso CUNHA (1987), *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (4ª. Edição), Lisboa: Livraria Sá da Costa
- MANES & WOLFSON (1981), "The Compliment Formula" in Coulmas Ed.
- MARANDIN, J.-M. (1987), "Des mots et des actions: compliment, complimenter et l'action de complimenter", *Lexique* 5. Lille: Presses Universitaires de Lille
- MIRA MATEUS, Maria Helena, Ana Maria BRITO, Inês DUARTE, Isabel HUB FARIA (1989), *Gramática da Língua Portuguesa* (2ª. Edição). Lisboa: Editorial Caminho
- POMERANTZ, A.(1978), "Compliment responses: Notes on the co-operation of multiple constraints", in Schenkein Ed.
- RADCLIFFE-BROWN, A.R. (1968), *Structure et fonction dans la société primitive*. Paris:Éditions de Minuit
- ROSCH, E. (1975), "Cognitive Reference Points", *Cognitive Psychology* 7
- SEARLE, J.R. (1969), *Speech Acts*. Cambridge: Cambridge University Press
- (1979), *Expression and Meaning*. Cambridge: Cambridge University Press

FORMAS DE FELICITAÇÃO E CONGRATULAÇÃO

- TRAVERSO, V. (1993), *La conversation familière: les interactions verbales dans les visites*. Thèse de Doctorat. Université Lumière - Lyon 2 (citada em Kerbrat-Orecchioni 1994)
- VANDERVEKEN, D. (1988), *Les Actes du Discours: Essai de philosophie du langage et de l'esprit sur la significatton des énonciations*. Liège/Bruxelles: Mardaga